



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## ÍSIS E MARIA: REDESCOBRINDO O PODER DAS DIVINDADES-MULHERES EM DIFERENTES TRADIÇÕES RELIGIOSAS

---

**Isis and Mary: rediscovering the power of women's divities in different religious traditions**

*Rosimar Rocha Pires de Oliveira<sup>1</sup>*

*Andréia Ferreira Pimentel<sup>2</sup>*

*Claudete Beise Ulrich<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente artigo reflete sobre Ísis e Maria. Objetiva redescobrir o poder das duas divindades-mulheres em tradições religiosas diferentes, em tempos e espaços históricos diferentes. Ísis é uma mulher egípcia que teve o seu culto propagado no ápice do império do Antigo Egito, devido os seus poderes de cura, conhecimento da natureza. Ela também é conhecida como Deusamãe. Já Maria de Nazaré, mulher cultuada no cristianismo, foi escolhida para ser a mãe de Jesus Cristo e proclamada Mãe de Deus. Ela foi também uma mulher forte, que proclamou, profeticamente, o programa do Reino de Deus. A metodologia empregada é bibliográfica, a partir de uma reflexão teológica feminista e das relações de gênero.

**Palavras-chave:** Ísis, Maria, divindades-mulheres, gênero religião.

**Abstract:** This article reflects on Isis and Maria. It aims to rediscover the power of the two deities-women in different religious traditions, in different historical times and spaces. Isis is an Egyptian woman who had her worship propagated at the apex of the ancient Egyptian empire due to her healing powers, knowledge of nature. She is also known as the Mother Goddess. Already Mary of Nazareth, a woman worshiped in Christianity, was chosen to be the mother of Jesus Christ and proclaimed Mother of God. She was also a strong woman who prophetically proclaimed the Kingdom of God program. The methodology employed is bibliographic, based on a feminist theological reflection and gender relations.

**Keywords:** Isis, Mary, Deities-Women, Gender, Religion.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Licenciada em História e Pedagogia, pós-graduada em Gestão Escolar, Psicopedagogia, Educação Especial/Inclusão e Políticas Públicas em Gênero e Raça. Mestranda do curso de Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: rosimar-pires@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia, pós-graduada em Ensino Religioso e Educação Especial/Inclusão. Mestranda do curso Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória. E-mail: andreiafp2976@hotmail.com

<sup>3</sup> Dra. em Teologia. Bacharel em Teologia e Licenciada em Pedagogia. Pós-doutranda em Educação na UFES. Coordenadora da Licenciatura em Ciências das Religiões. Professora de Teologia na Graduação e de Ciências das Religiões na Pós-graduação do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. E-mail: claudete@fuv.edu.br

## Introdução

O presente artigo objetiva refletir sobre duas divindades-mulheres, distantes historicamente, Ísis e Maria, buscando perceber a importância das mesmas para as religiões, em diferentes tempos e espaços. Não há muitos artigos que tratam das divindades femininas, devido à força do patriarcado eclesial e social. Carole Pateman entende que “a sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública”.<sup>4</sup> Martha Giudice Narvaz; Sílvia Helena Koller, lembrando Scott e Millet dizem que

o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia feminina; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas.<sup>5</sup>

Portanto, a religião também foi e é influenciada pela supremacia masculina, onde as atividades das mulheres foram e são invisibilizadas e esquecidas. Entende-se religião como “um sistema de símbolos”<sup>6</sup> e cujo conteúdo é uma síntese do ethos de um povo.<sup>7</sup> A imagem cultivada da divindade sempre está estreitamente vinculada com uma cultura específica e as necessidades particulares de um povo. Ainda segundo Sandra Duarte Souza

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-histórico-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades.<sup>8</sup>

As grandes religiões cultivam, geralmente, imagens masculinas da divindade. A imagem de Ísis e Maria são lembradas somente como mães, protetoras, cuidadoras e a atuação das mesmas como protagonistas, que expressam coragem e força como divindades, é pouco retratada. Busca-se neste texto, além dos olhares tradicionais que recaem sobre as mulheres como esposas e mães, perceber a força e o poder de Ísis e Maria.

Ísis foi uma Deusa cultuada no Antigo Egito devido seu poder curativo e restaurador da vida. Seu culto a partir do antigo Egito espalhou-se por grande parte da Europa. Maria, entretanto, é venerada até hoje no cristianismo não como deusa e sim, fortemente, como uma mãe exemplar e, também, como intercessora junto de Deus. É possível perceber que a imagem da mulher-mãe se sobrepõe a imagem da mulher-divindade. Essas mulheres marcam profundamente a história das religiões e a construção de uma espiritualidade dicotômica que se desenvolveu, especialmente, a partir do crescimento do cristianismo, que afirma o feminino como fraco, submisso, passivo e o masculino como forte, agressivo e ambicioso. Como afirma Ivone Gebara numa entrevista para Maria José Rosado-Nunes

---

<sup>4</sup> PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio: Paz e Terra, 1993. p. 167.

<sup>5</sup> NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, n. 18., v. 1, p. 49-55, 2006. p. 50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2019.

<sup>6</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 104.

<sup>7</sup> GEERTZ, 1989, p. 103-104.

<sup>8</sup> SOUZA, Sandra Duarte. Revista Mandrágora: Gênero e religião nos estudos feministas. *Estudos feministas*. 12 (N.E.): 264, p. 122-130, 2004. p. 123 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a14v12ns.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2019.

Como outras teólogas feministas, Ivone desenvolve uma reflexão crítica sobre a apropriação religiosa dos corpos e da sexualidade das mulheres. A visão cristã negativa da corporeidade, devida à compreensão dualista tradicional que prioriza ‘o espírito’, acaba por atribuir às mulheres, responsáveis pela reprodução da espécie, um lugar não apenas secundário, mas de periculosidade. Daí, a necessidade de controlá-las. Essa compreensão reduz as mulheres à especificidade de sua condição biológica, em que a maternidade, física ou espiritual, torna-se um destino obrigatório. A rejeição do recurso à biologia para explicar o ordenamento social – e religioso – dos sexos leva a uma crítica radical da organização das instituições religiosas, apontadas como androcêntricas, hierárquicas e excludentes das mulheres.<sup>9</sup>

Portanto, revisitar a história para entender a forma como se desenvolveu o papel das mulheres em práticas cúlticas, da adoração da Deusa (Ísis) para a adoração da Mãe (Maria), torna-se um passo importante para a luta pela justiça e igualdade nas relações de gênero. Essas mudanças ocorreram em sociedades/impérios que foram se constituindo historicamente, onde a religião, colocou-se como um elemento cultural fundamental na afirmação do papel secundário das mulheres. Neste sentido, Joan Scott aponta que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.<sup>10</sup> Segundo a autora seria necessário entender que o gênero implica quatro elementos:

[...] primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias). [...] Em segundo lugar, os conceitos normativos que põe em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino.

O desafio da nova pesquisa histórica que consiste em fazer explodir essa noção de fixidez, é descobrir a natureza do debate ou da repressão que produzem a aparência de uma permanência eterna na representação binária do gênero. Este tipo de análise deve incluir uma noção de política bem como uma referência às instituições e à organização social – este é o terceiro aspecto das relações de gênero. O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva.<sup>11</sup>

O gênero como categoria de análise necessita perceber os símbolos e os conceitos normativos que são expressos nas doutrinas e textos religiosos e como estes afirmam uma posição binária entre masculino e o feminino, bem como de afirmação do patriarcado. “O conceito de gênero serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política”<sup>12</sup>, tendo um caráter relacional<sup>13</sup>, e, também aponta para uma identidade subjetiva que não é fixa, mas mutável. Portanto, a seguir apresenta-se alguns aspectos sobre as veneradas mulheres: a Deusa<sup>14</sup> Ísis (do Antigo Egito) e Maria de Nazaré (mulher humilde que aceitou ser mãe de Jesus Cristo). Importante lembrar que há muitas Deusas esquecidas e que foram cultuadas no

---

<sup>9</sup> ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, p. 294-304, 2006. p. 296. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2019.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 16, n.2, p. 5-22, 1990. p. 14.

<sup>11</sup> SCOTT, 1990, p. 14-16.

<sup>12</sup> SCOTT, 1990, p. 16.

<sup>13</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 22.

<sup>14</sup> Escrevemos Deusa com D maiúsculo para acentuar o papel fundamental que a mesma teve na mitologia religiosa do Antigo Egito.

desenvolvimento da história das religiões. Escolhemos aqui tratar de Ísis e Maria, pois existem suspeitas de paralelismos entre ambas.<sup>15</sup>

### Ísis: conhecedora da natureza, aquela que cura

Ísis é conhecida como Deusa do antigo Egito, venerada em muitos templos que foram construídos e dedicados a ela. De acordo com Kathleen Alexander-Beghorn

Ela era invocada nas antigas escrituras como a Senhora da cura, Restauradora da Vida, Fontes de Ervas Curativas, a Grande Feiticeira que Cura. Seu culto originou-se no antigo Egito e dali se espalhou do Oriente Médio até a Ásia Menor, Europa, Grã-Bretanha, estendendo-se da aurora registrada da História até o quinto século E.C.<sup>16</sup>

O culto a Ísis espalhou-se desde o Egito para grande parte do mundo e fala-se dela até o quinto século antes de Cristo. De acordo com Elisa Costa Brandão de Carvalho

Na época do Baixo Egito, Ísis é adorada em vários lugares do país dos faraós, sobressaindo a ilha de File, onde se ergueu o seu mais famoso e duradouro santuário. Mas não se pode afirmar com certeza que esse é o lugar de seu nascimento. E no período helenístico dos Ptolomeus e dos Romanos, a crença em Ísis se irradia, do Egito, pelo mundo globalizado do ecúmeno. Assim sendo, em sua honra, dedicam-se templos, festas, ritos de mistérios, alcançando Ísis o *status* de uma deusa universal.<sup>17</sup>

Ela era cultuada como a criadora e sustentadora do cosmos, a fonte de vida através da qual todos os seres vivos são nutridos e para o qual retornam após a morte. Na arte egípcia ela aparece segurando o *ankh*, o símbolo sagrado da vida, personificando a própria força vital, colocando-a como senhora da Vida.<sup>18</sup> Anete Roese lembra que “do Egito, provavelmente, a Deusa mais influente foi Ísis, cujo culto se disseminou pelo Império Romano, ao longo do Rio Reno e outras regiões. Ísis era uma Deusa virgem negra, que possivelmente vai ser modelo para outras divindades virgens negras”.<sup>19</sup>

Ísis era vista como uma mulher com muita sabedoria, venerada, especialmente, “como a médica divina, que tinha o poder de curar o corpo, a mente e o espírito”.<sup>20</sup> Neste sentido, por ela ser considerada “Mãe universal”<sup>21</sup>, as mulheres tinham um apreço especial. Ela era considerada “a protetora das mulheres durante o parto e confortava aquelas que perdiam seus entes queridos”.<sup>22</sup> No culto a Ísis, as mulheres tinham plena participação, “tanto como sacerdotisas dos templos quanto como iniciadas nos mistérios mais sagrados e secretos da deusa”.<sup>23</sup> Neste sentido, Ísis era reconhecida como médica, a que curava as enfermidade, pois entendia de plantas medicinais, que

---

<sup>15</sup> ROESE, Anete. O silenciamento das Deusas na tradição interpretativa cristã. *Aletria*, v. 20, n. 3, p. 177-191, 2010. p. 182. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1557/1654>>. Acesso em 20 nov. 2019. “Para a cientista feminista Carol Christ, nas culturas ocidentais sob domínio do patriarcado, tanto na Antiguidade tardia quanto no Cristianismo, as Deusas passaram a ser identificadas com qualidades relacionadas com o “feminino” – fertilidade e reprodução. Assim, ficaram mais domésticas e seus atributos domesticados, tirando-lhes poderes e domínios.”

<sup>16</sup> ALEXANDER-BEGHORN, Kathleen. Ísis: A Deusa como curadora. In: NICHOLSON, Shirley (Org.). *O novo despertar da Deus: o princípio feminino hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 103. E.C. significa Era Comum ou Antes da Era Comum (A.E.C.) são termos usados às vezes por historiadores em vez de Antes de Cristo (A.C.) ou Depois de Cristo (D.C.).

<sup>17</sup> CARVALHO, Elisa Costa Brandão. Ártemis e Ísis: Duas faces de uma mesma divindade. *Principia* v. 32, p. 1-5, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/38556>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>18</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 103.

<sup>19</sup> ROESE, 2010. p. 184.

<sup>20</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 104.

<sup>21</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 104.

<sup>22</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 104.

<sup>23</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 104.

no Egito antigo eram declaradas sagradas.<sup>24</sup> Ela era uma Deusa lunar, conhecia os ciclos da lua, que se ligavam com os ciclos da menstruação e das plantações. Ela era considerada “a grande Deusa Mãe egípcia da natureza que trazia as cheias do rio Nilo, após às quais, a terra se tornava mais fértil”.<sup>25</sup>

A Deusa Ísis era também cultuada como a “Senhora das Palavras de Poder”<sup>26</sup> que tinham o poder de curar. Depois de muitos anos, o único nome que Ísis não sabia era o nome secreto de Rá. O grande Deus Rá estava muito doente, pois havia sido picado por uma cobra venenosa. “Ninguém conseguia curar o poderoso deus, até que Ísis diz que saberia como livrá-lo do mal, mas para isso, precisaria saber o seu verdadeiro nome.”<sup>27</sup> Neste sentido, o grande Deus Ra chamou Ísis para que o curasse.

O renome de Ísis como curadora era tão grande que até mesmo Rá, o mais alto dos deuses, a teria chamado para que o curasse da picada de uma cobra venenosa. Ísis concordou em salvá-lo sob a condição de que Rá lhe revelasse o seu nome secreto, a fonte de seu poder. Hábil em preparar unguentos curativos, Ísis preparou uma mistura de várias sementes e frutos do zimbro e fez uma pasta, a que misturou mel. Ao aplicar esse bálsamo na picada, Ísis entoou a palavra secreta de poder que aprendera com Rá. A dor do seu moribundo desapareceu e ele se recuperou, mas Ísis havia superado para sempre a sua sabedoria e poder, usurpando o seu lugar como a divindade suprema.<sup>28</sup>

Neste sentido, Ísis superou o mais alto dos deuses, por ter curado Rá e ele ter revelado a ela o seu nome secreto, a fonte do seu poder. Assim, Ísis alcançou um lugar de proeminência divina em relação ao Deus Rá e sua habilidade em curar tornou-se conhecida por todo o Egito. A Deusa foi considerada a Senhora da cura, da fertilidade e da vida, pois também, restituiu a vida a seu irmão e marido Osíris e seu filho Hórus. Osíris foi assassinado e esquartejado por seu irmão Seth, que espalhou seus pedaços por todo o Egito. Ísis, no entanto, procurou e reuniu os pedaços do seu amado Osíris, envolveu-o em suas asas e soprou o hálito de vida dentro dele. Ela concebeu seu filho Hórus através desta união. No entanto, ela sentiu mais uma vez a perda, pois seu filho foi morto pela picada de um escorpião. Ela também curou e ressuscitou o seu filho Hórus.<sup>29</sup> Carvalho aponta que

Ísis é a deusa mais popular dentre as deusas egípcias. O seu culto acabou por se difundir por várias outras regiões. Deusa mãe, irmã e esposa de Osíris, Ísis desempenhou um papel crucial na ressurreição do esposo, assassinado por Seth, ao recolher, após muitas provações, o corpo do amado. Ísis é o tipo de esposa fiel, mesmo depois da morte. Mãe de Hórus, ela é também modelo de mãe devotada.<sup>30</sup>

Ísis também conhecida como “Deusa-mãe egípcia do amor e da magia, primogênita de Geb (deus egípcio da terra) e Nut (deusa do céu e mãe dos deuses), esposa de seu irmão Osíris e mãe de Hórus (deus dos céus), com os quais integra a principal tríade (Isis, Osíris, Hórus) da religião do antigo Egito”.<sup>31</sup> Ela também é lembrada como a deusa do amor. Correntemente apresentada amamentando o seu filho, Ísis representa a fertilidade e o amor materno e protege a todos, especialmente os oprimidos. É interessante perceber que a sua evocação como mãe de Deus (theotókos) precede às profecias do cristianismo, pois curou e ressuscitou o seu filho Hórus, filho

---

<sup>24</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 107.

<sup>25</sup> PINHEIRO, Maria Goretti Ribeiro. Imaginário da Serpente de A a Z. Campina Grande: Edupeb 2017. p. 90. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Imaginario-da-Serpente-de-A-a-Z.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2019.

<sup>26</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 105.

<sup>27</sup> PINHEIRO, 2017, p. 90.

<sup>28</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 105.

<sup>29</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 106.

<sup>30</sup> CARVALHO, 2016, p. 3

<sup>31</sup> SIGNIFICADO DE SÍMBOLO. *Ísis*. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/isis/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

de Osíris.<sup>32</sup> O culto a Ísis, entretanto, com o advento do Cristianismo, foi reprimido, seus templos destruídos, seus devotos foram perseguidos e mortos.<sup>33</sup>

Sua lembrança, entretanto, permaneceu nas raízes de muitos povos que continuaram venerando Ísis (ou outras deusas) – aquela que conhece e cura as enfermidades. Deusa Ísis era negra, cultuada como protetora das mulheres, médica, conhecedora de todos os segredos, guardadora dos mortos. Ela fazia parte do cotidiano das pessoas, no seu tempo histórico, e do panteão de deuses e deusas do antigo Egito. O mito dos poderes da Deusa Ísis também significou forças e esperanças, especialmente, às mulheres e aos sofredos.

### **Maria: não só mãe, mulher que canta uma nova história**

Maria, uma mulher solteira, tornou-se a mãe do filho de Deus, Jesus Cristo. De acordo com a tradição judaico-cristã, uma virgem conceberia e daria a luz ao Filho de Deus (Is 7.15). Sendo assim, durante muitos séculos os hebreus aguardaram a concretização desse mistério profético descrito em suas escrituras. Conforme o Novo Testamento, Maria aceitou a maternidade divina, porém era prometida em casamento a um homem chamado José, justo e honesto, que avisado em sonho não a repudiou, mas acolheu-a como esposa e tornou-se o pai adotivo de Jesus Cristo (Mt 1.18-25). Já no Evangelho de Lucas, o anjo faz a anunciação direto para Maria, acontecendo um bonito e profundo diálogo entre o anjo e Maria (Lc 1.26-38). De acordo com Rosemary R. Ruether, o Evangelho de

Lucas empenha-se em acentuar que a maternidade de Maria é uma opção livre. Quando o anjo chega, Maria não consulta José, mas toma a sua própria decisão. Lucas vê essa opção livre como expressão da fé dela. Esta é a chave para a nova comunidade redentora de Jesus, em distinção da antiga espécie de relacionamentos familiares. (...) Só através dessa livre responsividade humana a Deus é que ele tem condições de tornar-se o transformador da história. Sem tal fé não podem acontecer milagres. Quando ela está ausente, Cristo não pode fazer nada. Esta é a radical dependência de Deus, que a teologia patriarcal geralmente tem negado. A fé de Maria torna possível a entrada de Deus na história.<sup>34</sup>

Maria ao dar o seu sim, de forma livre e responsável permite a entrada, a encarnação de Deus, e efetiva uma mudança radical nas estruturas sociais e nos relacionamentos humanos. A fé de Maria tornou possível a morada de Deus na história da humanidade. Portanto, no evangelho de Lucas, logo após a anunciação, encontra-se o texto que traz à memória o encontro e o diálogo alegre entre duas mulheres, Isabel e Maria (Lc 1.39-45). No encontro das duas mulheres grávidas, as barrigas das duas se contraem, como sinal de alegria. Isabel diz a Maria: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre” (Lc 1.42). Após, o encontro entre Maria e Isabel, Maria canta o Magnificat

A minha alma engrandece ao Senhor,  
e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador,  
porque ele contemplou na humildade da sua serva.  
Pois desde agora todas as gerações me considerarão bem-aventurada,  
porque o Poderoso me fez grandes coisas.  
Santo é o seu nome.  
A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.  
Agiu com o seu braço valorosamente;

<sup>32</sup> BUSCEMI, María Soave. Ellos pasarán... yo... pajarita. *Ribla*. n. 46, p. 82-97. p. 86. Disponível em: <<http://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/46.pdf>>. Acesso em 05. nov. 2019.

<sup>33</sup> ALEXANDER-BEGHORN, 1993, p. 104.

<sup>34</sup> RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminina*. Trad. Walter Altmann, Luiz Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 130-131

dispersou os que no coração alimentavam pensamentos soberbos.  
Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes.  
Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.  
Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia,  
a favor de Abraão e de sua descendência para sempre,  
como prometera aos nossos pais. (Lc 1.46-56).

Maria proclama uma nova história, um novo projeto de vida, especialmente, para os pobres e sofridos que será levado adiante por seu filho Jesus Cristo. Ela é uma mulher forte e corajosa. Ela canta o Magnificat e aparece como símbolo para todas as mulheres que não permaneceram silenciadas. O cântico de Maria faz eco ao cântico de Ana (1 Samuel 2.10), mãe de Samuel. Percebe-se no cântico de Maria a memória de mulheres e de pessoas pobres. Assim como Ana, Maria profeta, canta uma nova história. Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos. Isto também significa que Deus veio morar entre os pobres. Segundo Rosemary R. Ruether

Maria é exaltada porque, através dela, Deus operará essa revolução na história. Ou, para ser mais exata, ela própria é tanto sujeito quanto objeto dessa ação libertadora. Ela a torna possível através de seu ato de fé, mas a ação libertadora de Deus na história liberta a ela. Ela própria corporifica e personifica as pessoas oprimidas e subjugadas que estão sendo libertas e exaltadas através do poder redentor de Deus. Ela é as pessoas humilhadas que foram elevadas, as famintas que foram repletas de coisas boas. A linguagem libertaria de Lucas é explicitamente econômica e política.<sup>35</sup>

Entre as pessoas pobres, as mulheres ainda são as mais empobrecidas. Por isso, Deus exalta Maria em sua humildade. Desta forma, exalta todas as pessoas pobres, humildes e famintas. Também o reformador Martim Lutero escreveu sobre o cântico de Maria (Magnificat) e o colocou como uma forma correta de governar, apontando para uma ética política.<sup>36</sup> Segundo Claudete Beise Ulrich

Este estudo, elaborado pelo reformador entre novembro de 1520 e março de 1521, foi dedicado ao príncipe João Frederico da Saxônia, pois ele tinha pedido a Lutero uma orientação para governar de forma cristã. Um canto que nasce da memória das mulheres, Ana e Maria, serve de inspiração para um governar politicamente correto.<sup>37</sup>

Lutero destaca a humildade de Maria, mesmo ela sabendo-se mãe de Deus. De acordo com Ivone Gebara e Maria Clara Bingemer

O canto de Maria é um canto de guerra, canto de combate de Deus travado na história humana, combate pela instauração de um mundo de relações igualitárias, de respeito profundo a cada ser, no qual habita a divindade. Por isso, fala-se da dispersão dos orgulhosos, da derrubada dos poderosos, da dispensa dos ricos de mãos vazias para a glória de Deus. É da boca de uma mulher que sai esse canto de guerra ao mal, como se apenas do seio de uma mulher pudesse nascer um povo novo. A imagem da mulher prenhe, capaz de dar à luz o novo, é a imagem de Deus que, pela força de seu Espírito, faz nascer homens e mulheres entregues à justiça, vivendo a relação a Deus na amorosa relação aos seus semelhantes. O canto de Maria é o programa do Reino de Deus.<sup>38</sup>

Maria de Nazaré não é muito nominada nos Evangelhos. No entanto ela tem um papel central nos momentos importantes do seu filho Jesus. Quando ele inicia o seu ministério público, nas Bodas de Caná da Galileia (Jo 2.1-12) é Maria que dá o comando para Jesus quando falta o vinho. Maria também está presente nos momentos cruciais da vida de Jesus, na crucificação, morte e

---

<sup>35</sup> RUETHER, 1993. p. 131.

<sup>36</sup> LUTERO, Martinho. Obras selecionadas. Ética: Fundamentação da ética política, Governo, Guerra dos Camponeses, Guerra contra os turcos, Paz Social. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996. p. 20-78.

<sup>37</sup> ULRICH, Claudete Beise. Maria, Marias em mim! In: ULRICH, Claudete Beise; Mota, Sônia G. *Maria de todas nós*. São Leopoldo: CEBI, 2013. p.20.

<sup>38</sup> GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria Clara. *Maria, mãe de Deus e dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 87.

ressurreição (Jo 19.26-27). Maria é parte integrante na formação da primeira comunidade cristã, daqueles e daquelas que perseveraram unânimes em oração, conforme o texto de Atos 1.12-14 .

No entanto, a afirmação de *Maria, mãe de Deus* foi concebida como um dogma no Concílio de Éfeso em 431, sendo este aceito por, praticamente, por todas as denominações cristãs. De acordo com Wanda Deifelt

A proclamação de Maria como Theotókos (mãe de Deus) no Concílio de Éfeso, em 431, iniciou o culto oficial a Maria. Ao ser chamada de “Madre de Deus”, o Concílio de Éfeso intentava glorificar o Filho. (...) O Concílio de Éfeso declarou que, a encarnação, a humanidade e a divindade estavam tão intimamente relacionadas, que era apropriado chamar Maria não somente como madre carnal, mas também como Madre de Deus. O dogma da virgindade de Maria foi aprovado em Constantinopla (no ano 553) para confirmar a encarnação verdadeira de Cristo e seu nascimento natural. O Concílio Lateranense (no ano de 640) promulgou este dogma. Segundo este dogma Maria é virgem perpétua.<sup>39</sup>

Proclamar Maria, mãe de Deus foi uma decisão de Concílio da Igreja Cristã, na cidade Éfeso. Foi na cidade de Éfeso que o apóstolo Paulo (Atos 19) teve um conflito devido a adoração a uma outra deusa (Diana) que era cultuada. É exatamente nesta cidade que o cristianismo daquele período consagra Maria, mãe de Deus. Anos mais tarde, Maria foi consagrada virgem perpétua. Portanto, a igreja cristã patriarcal afirmou a virgindade e a maternidade de Maria.<sup>40</sup> Estes Concílios afirmaram o valor de Maria na sua relação com o filho que foi concebido em virgindade, e no seu papel como mãe – a maternidade. A história de Maria de Nazaré, sua família, sua forma de sobrevivência como mulher não é narrada nos textos bíblicos. Há pouca memória narrativa sobre a vida da mulher Maria.

Esta afirmação de fé significou que a virgindade e maternidade fosse entendida como o caminho natural e ideal para as mulheres, independentemente de sua confissão religiosa. Em muitas celebrações, ainda hoje, seja em muitas comunidades católicas ou protestantes, no dia das mães, no segundo domingo de maio, este ideal continua sendo louvado, reverenciado, idealizado e endeusado. O capitalismo se beneficia deste ideal e o dia das mães torna-se uma ótima oportunidade para vender mercadorias, recolocando a mulher dentro de seu papel tradicional de mãe, esposa e dona de casa. A maternidade fortalecida, segundo Carolina Teles Lemos, pela representação de Maria, como mãe de Deus, silenciosa, abnegada, cuidadora, solícita, sempre pronta a servir e se sacrificar por sua família, impôs um modelo de mãe, esposa e dona de casa para as mulheres, fortalecendo a desigualdade de gênero.<sup>41</sup>,

Roese aponta que em 1950, o Papa Pio XII, proclamou ainda mais um dogma, a Assunção de Maria, tornando-a Rainha do Céu. Além do dogma de Maria como Mãe de Deus, a Assunção de Maria também se torna dogma na Igreja Católica Romana.<sup>42</sup> Ainda segundo a autora citada

A Trindade cristã será agora uma quaternidade e terá agora uma figura feminina. É o feminino ausentado na tradição cristã e nas religiões monoteístas masculinas que reaparece. Ela se torna a Rainha dos Céus. Mãe de Deus. Ela dá à luz um Filho, Deus. Além disso, ela preserva o elemento da virgindade, herança de Diana. Maria é também a Grande Mãe, como outras Deusas, como Cibele – a grande Mãe da Ásia Menor.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> DEIFELT, Wanda. *María: ¿una Santa Protestante?* RIBLA, Petrópolis, v. 46, n.03, p. 99, 2003. Disponível em: <<http://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/46.pdf>> Acesso em 28 nov. de 2019. (tradução do espanhol para o português de Claudete Beise Ulrich ).

<sup>40</sup> ROESE, 2010, p. 184.

<sup>41</sup> LEMOS, Carolina Teles. *Maternidade e devoções marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero.* In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas.* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 84.

<sup>42</sup> ROESE, 2010, p. 185.

<sup>43</sup> ROESE, 2010, 183.

Maria também carrega heranças da grande deusa-mãe Ísis, que ressuscitou o seu filho Hórus da morte. Maria acompanhou o seu filho em todos os momentos de sofrimento, morte na cruz e também foi ao túmulo prestar os últimos serviços, bem como esteve junto na cena da ressurreição (Lc 24:1-12, Mt 28.1-10; Mc 16.1-8; Jo 20.1-9). Maria, junto com outras mulheres, enfrentaram perigos e os soldados romanos, mas não deixaram de cumprir o seu papel de cuidar dos mortos e assim tiveram a surpresa da ressurreição.

No entanto, a tradição cristã patriarcal fez de Maria uma personagem feminina virgem, da piedade e da maternidade submissa. O dogma de maria virgem, mãe de deus continua muito forte e tem grandes consequências na vida das meninas e das mulheres. A virgindade e a maternidade ainda continuam a ser ideais consagrados e proclamados a ser perseguidos pelas mulheres. A teologia feminista, através do referencial da análise de gênero, vem questionando essas verdades que não são divinas, absolutas, mas sim construções humanas, teológicas que objetivam um tipo de feminino submisso e que não questione o patriarcado. Neste sentido a teóloga Gebara questiona e chama a atenção:

dizer que a virgem Maria é mais importante que os apóstolos só serve para que tudo continue igual. Isso não vem do evangelho". [...]

As teologias masculinas destacaram uma sabedoria infundida em Jesus, como se não necessitasse aprender nada de ninguém, até o ponto de dizer que Maria foi a primeira discípula de seu filho. Isso não pode se sustentar. Jesus tinha que aprender, ser contestado, responder, se equivocar. Acredito que temos uma ideia muito romântica de Jesus de Nazaré, e ao falar de movimento estamos descendo à realidade da vida. No mundo judeu, as mulheres têm um papel importantíssimo, como mães, educadoras, que são escutadas. O mundo patriarcal, o Cristianismo a partir do século II e III, irá se vincular à ideia de poder do Império Romano, e aí as coisas começam a mudar. A autoridade pública da mulher se perde totalmente.<sup>44</sup>

Maria, no entanto, tem sido cultuada dentro da tradição cristã de muitas formas diferentes, rompendo, de forma subversiva com os valores patriarcais. Ela tem sido símbolo de luta, força e coragem para as mulheres. Muitas mulheres levam o nome de Maria, como Maria da Penha, no Brasil, que dá nome a importante Lei Maria da Penha, que criminaliza a violência contra as mulheres.

Desde o movimento da Reforma, com Lutero, Maria começou a ser entendida como mulher humilde e bem-aventurada e não mais como rainha do céu. A teologia feminista da libertação, no entanto, redescobriu Maria com muito mais força na luta das mulheres na América Latina, a partir do Magnificat, pois Deus derruba dos seus tronos os poderosos e exalta os humildes.

## Considerações finais

Refletimos no presente artigo, mesmo que de forma fragmentada, de duas divindades mulheres: Ísis e Maria. Importa lembrar que além de Ísis havia outras deusas no mundo antigo. A teologia feminista, a partir do referencial da análise de gênero, questiona as imagens masculinas de Deus e assim pergunta pelas narrativas das deusas do mundo antigo, das representações de Maria e como estas colaboram para a libertação ou submissão das mulheres.

Neste sentido Rosemary R. Reuther aponta que as origens sociais do monoteísmo masculino residem nas sociedades pastoris nomádicas. Essas culturas careciam do papel feminino de horticultura e tendiam a imaginar Deus como Pai do Céu. As religiões nomádicas se caracterizavam

---

<sup>44</sup> BASTANTE, Jesús. "A Igreja irá perder as mulheres que pensam" – Entrevista com Ivone Gebara. *Instituto Humanitas Unisinos*, 03 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583314-a-igreja-ira-perder-as-mulheres-que-pensam-entrevista-com-ivone-gebara>>. Acesso em 02 nov. 2019.

por um exclusivismo e um relacionamento agressivo e hostil com os agricultores da terra e suas religiões.<sup>45</sup>

Isto significa que as deusas estavam muito mais ligadas com o plantar e o colher, com as fases da Lua, com o Sol. As deusas estavam muito mais ligadas com os mistérios da própria natureza. Os diferentes modelos econômicos foram cada vez mais se moldando na exploração da natureza, onde a figura das deusas foi entendido como um perigo para o progresso. É o que temos, por exemplo, na Idade Média, com a perseguição às bruxas.

A imagem de uma grande Mãe é uma invenção que nasceu com o desenvolvimento histórico da divisão do trabalho.<sup>46</sup> De acordo com Elisabeth Badinter: “O amor materno não é inerente às mulheres. É “adicional”.”<sup>47</sup> Portanto, a maternidade é uma construção sócio histórica e cultural. Toda mãe é também mulher! Maria antes de ser mãe é mulher!

Historicamente, as responsabilidades sociais eram diversificadas. As mulheres eram bastante ligadas com o cultivo da terra. Desta forma, elas se apropriaram de conhecimentos sobre o poder curativo das ervas, germinação das sementes, equilíbrio do plantio. O poder das divindades estava ligado ao cuidado, conhecimento e uma relação profunda com a natureza.

Outra questão importante, que a reflexão do artigo, apresentou é o reconhecimento da pluralidade no mundo religioso de ontem e de hoje e os sincretismos nos diferentes tempos e espaços. Neste sentido, pode-se também fazer relações entre Maria e Iemanjá (religião afro-brasileira), especialmente, a partir dos sincretismos no Brasil. A religião como uma teia de símbolos e significados, como diz Geertz, é que vai dando sentido à existência das pessoas em diferentes situações da vida sejam de alegria, agradecimento, tristeza, lamentação, vida ou morte.

No decorrer da história, quando o cristianismo se instituiu enquanto religião do Império Romano, com a conversão de Constantino, características mais comunitárias, igualitárias e solidárias começaram a desaparecer. A natureza e a mulher foram subjugadas. Fortaleceu-se a imagem de Deus masculino, forte, poderoso nas batalhas, ficando em segundo plano características como a compaixão, o amor, o zelo, o cuidado, a ternura, a solidariedade. Neste sentido, as mulheres perderam o protagonismo como sacerdotisas, profetizas, guias espirituais, e conhecedoras dos mistérios da natureza e da articulação manipulável das ervas medicinais.

O movimento feminista, especialmente, a partir dos anos de 1960 buscou recuperar a história das mulheres e, também, das divindades, buscando, apontar para além da relação delas com as imagens de mãe, esposa, virgem, santa e submissa. As divindades-mulheres são inteligentes, capazes e poderosas. É necessário reler e visitar a história e os textos sagrados, buscando recuperar imagens mais inclusivas das experiências das mulheres nas tradições religiosas. A recuperação do papel de Ísis e Maria como aquelas que tem história, poder e conhecimento aponta para a necessidade de repensar as nossas liturgias para além somente da razão, mas que valorize gestos, a pluralidade, o simbólico, a escuta, a alegria e uma relação ética e solidária com a natureza.

A liturgia necessita denunciar a violência cometida contra as mulheres, grupos oprimidos e a própria natureza e apontar para relações éticas, recuperando a admiração e cuidado com toda a criação, apontando para relações democráticas. Se as relações de gênero são social e politicamente construídas, isto significa que elas não precisam ser necessariamente patriarcais, assimétricas, hierárquicas. É possível construir relações de gênero simétricas, democráticas, igualitárias. É necessário recuperar a humanidade das divindades-mulheres, pois é nas relações humanas e na

---

<sup>45</sup> RUETHER, 1993. p. 50-51.

<sup>46</sup> NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Tradução de Fernando Pedrosa de Mattos. São Paulo: Cultrix, 1954. p. 25.

<sup>47</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985. p. 367.

natureza que o poder da divindade se manifesta. Que o cântico da mulher-Maria, seja nosso canto de indignação, de luta, onde o combate do Deus da justiça e do amor sejam lembrados, celebrados e atualizados na história humana, para que um mundo de relações igualitárias, de respeito profundo a cada ser da criação, no qual habita a divindade, se torne possível.

## Referências

ALEXANDER-BEGHORN, Kathleen. Ísis: A Deusa como curadora. In: NICHOLSON, Shirley (Org.). *O novo despertar da Deus: o princípio feminino hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. P. 103-109.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BASTANTE, Jesús. “A Igreja irá perder as mulheres que pensam” – Entrevista com Ivone Gebara. *Instituto Humanitas Unisinos*, 03 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583314-a-igreja-ira-perder-as-mulheres-que-pensam-entrevista-com-ivone-gebara>>. Acesso em 02 nov. 2019.

BUSCEMI, María Soave. Ellos pasarán... yo... pajarita. *Ribla*. n. 46, p. 82-97. Disponível em: <<http://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/46.pdf>>. Acesso em 05. nov. 2019.

CARVALHO, Elisa Costa Brandão. Ártemis e Ísis: Duas faces de uma mesma divindade. *Principia* v. 32, p. 1-5, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/38556>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

DEIFELT, Wanda. María: ¿una Santa Protestante? *RIBLA*, Petrópolis, v. 46, n.03, p. 98-112, 2003. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla46/maria%20una%20santa%20protestante.html>>. Acesso em 28 nov. de 2019.

GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria Clara. *Maria, mãe de Deus e dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEMOS, Carolina Teles. Maternidade e devoções marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 81-112

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Ética: Fundamentação da ética política, Governo, Guerra dos Camponeses, Guerra contra os turcos, Paz Social. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996. p. 20-78.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, n. 18., v. 1, p. 49-55, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2019.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Tradução de Fernando Pedrosa de Mattos. São Paulo: Cultrix, 1954.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio: Paz e Terra, 1993.

PINHEIRO, Maria Goretti Ribeiro. *Imaginário da Serpente de A a Z*. Campina Grande: Eduepb 2017. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Imaginario-da-Serpente-de-A-a-Z.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2019.

ROESE, Anete. O silenciamento das Deusas na tradição interpretativa cristã. *Aletria*, v. 20, n. 3, p. 177-191, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1557/1654>>. Acesso em 20 nov. 2019.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, p. 294-304, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2019.

RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminina*. Trad. Walter Altmann, Luiz Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica." *Educação e Realidade*, v. 16, n.2, p. 5-22, 1990.

SIGNIFICADO DE SÍMBOLO. *Ísis*. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/isis/>>. Acesso em 20 nov. 2019.

SOUZA, Sandra Duarte. Revista Mandrágora: Gênero e religião nos estudos feministas. *Estudos feministas*. 12 (N.E.): 264, p. 122-130, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a14v12ns.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2019.

ULRICH, Claudete Beise. Maria, Marias em mim! In: ULRICH, Claudete Beise; Mota, Sônia G. *Maria de todas nós*. São Leopoldo: CEBI, 2013. p.7-25.